As Netas do Padre Eterno: Romance original

Alberto Pimentel

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

As Netas do Padre Eterno: Romance original

Alberto Pimentel

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

N.º 32—COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

AS NETAS DO PADRE ETERNO

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

AS NETAS

DO

PADRE ETERNO

ROMANCE ORIGINAL

POR Alberto Pimentel

LISBOA

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA—EDITOR

50, 52—Rua Augusta—52, 54

1895

LISBOA—Typ. e Stereotypia Moderna—Apostolos, 11, 1.º

I

Desde a primavera até ao inverno de 1873, decorre, na historia da moderna Hespanha, um periodo de rubra agitação demagogica, em que tanto a abandonada coroa da velha Monarchia de S. Fernando como o recente barrete phrygio da Republica fluctuam n’um mar de sangue, golphado do proprio coração d’esse bello paiz meridional, e

sinistramente illuminado pelos reflexos coruscantes dos incendios de Alcoy, que eram o facho tristemente glorioso da insurreição cantonal.

Nação essencialmente catholica, a Hespanha viu profanados os seus templos, principalmente em Barcelona, onde as mulheres, n'uma infrene orgia de bacchantes, envergavam as vestes sacerdotaes, entoando cantares obscenos, e derramando por sobre os altares o vinho que trasbordava das taças.

Nas ruas, as allucinações da musa popular, terrivelmente revolucionaria, alternavam-se com as detonações dos fuzilamentos, e aos dithyrambos entoados á beira dos altares correspondiam, fóra dos templos, trovas sacrilegas, dissolventes, anarchicas:

Yá se le acabó á los curas
El comer á dos carrillos,
Y el ir de noche al café
Con el ama y los chiquillos.

Abajo las estrellas,
Abajo los galones,
Que no quiere mandones
La santa federal.

É certo que na alma popular da Hespanha não estavam de todo pervertidos os sentimentos cavalheirescos da raça castelhana, mas a revolução ia alastrando dia a dia o seu dominio,—em Sevilha era incendiada a _calle de las Sierpes_, em Cadiz punha-se em almoeda a custodia do _Corpus Christi_, em Málaga dois bandos rivaes porfiavam em horrores de barbarie, em Granada os desenfreamentos do vandalismo desmoronavam as instituições e os templos, como

acontecia em Barcelona, em cujos campos os bosques incendiados chammejavam como enorme fornalha: por isso só timidamente a musa das ruas ousava contrapôr um grito de justa indignação aos desvarios da demagogia que golpeava o coração da patria, enodoando de sangue as mais bellas paginas da historia nacional.

D'esses timidos gritos de reacção popular não se perdeu comtudo a nota caracteristica, que ainda hoje póde encontrar ecco na apreciação imparcial d'esse periodo demagogico:

La republica en Guarena
La cantan los taberneros,
Y en D. Benito la cantan
Los sastres y zapateros.

El candido de Figueras,
Y el radical Figuerola,
Nos ha dejado em cuerines
Sin calzon ni camisola.

Um illustre escriptor hespanhol, o sr. Vicente Barrantes, emigrando n'essa epocha para Portugal, escreveu sob o titulo de _Dias sin sol_, um livro interessante, em que estão consignadas as dolorosas impressões que as desgraças da Hespanha punham no coração dos seus angustiados filhos. Uma pagina d'esse livro diz:

«Com mão debil e porventura timida empunhou o tribuno Emilio Castellar as redeas da dictadura, ao tempo que a fronteira portugueza, onde eu me achava, offerecia um lancinante espectaculo. Cerrada a do norte pelos carlistas, era aquella a unica porta para escapar d'este inferno de Hespanha, e cada trem do caminho de ferro iberico parecia

barcada de Acheronte, como aquellas que rangendo os dentes e blasphemando até dos paes de seus paes viu passar o grande poeta da Edade-Média pelo lodoso lago que ao inferno conduz... De Madrid, de Alcoy, de Cartagena, de Valencia, de Cadiz, de Sevilha, de Jerez chegavam por centenas familias dispersas, como quem foge de uma peste; e isto um dia e outro dia, e mezes inteiros; e récuas e caravanas de inoffensivos lavradores, de pacificos artistas, de laboriosos industriaes desembocavam simultaneamente por todas as povoções da fronteira, desde Barrancos a Setubal, desde Elvas a Lisboa, desde Zamora e Ciudad-Rodrigo ao Porto: misero formigueiro de emigrantes de todas as classes e condições, com os olhos voltados para Hespanha, mas receiando, a cada hora que o horror os convertesse em estatuas, como á mulher da Biblia.»

Setubal, pela amenidade do seu clima, e pela belleza dos seus campos, hospedou uma importante colonia hespanhola, atravez da qual eu passeei algumas vezes os meus ocios de _touriste_. Principalmente no verão, em julho, que foi a epocha mais calamitosa da revolução, a affluencia de emigrados era numerosissima ali. E o que é verdadeiramente notavel é que os havia de todas as côres politicas, porque o perigo era egual para todos. A revolução não curava de perscrutar as opiniões de cada um. Perseguia, roubava, incendiava, fuzilava indistinctamente. Já não era pequena felicidade poder fugir á morte, salvar a vida. Dos emigrados, conheci alguns ricos, poucos, e esses eram os que tinham logrado liquidar a tempo os seus haveres, antes que a _santa federal_ se encarregasse da liquidação. D’este numero era a familia Saavedra, de Sevilha, que tem de figurar n’esta historia. Tres pessoas apenas: pae, mãe e filha.

O pae, o sr. D. Enrique Saavedra, havia collocado uma somma

importante n'um Banco inglez. Era um industrial acreditado, e teve o bom senso de fechar as suas fabricas mal que soaram os primeiros rugidos da insurreição cantonal. Se não tivesse procedido assim, haveria decerto succumbido ás mãos dos seus proprios operarios. Em politica, era francamente monarchico; principalmente, partidario dos Bourbons. «Qué broma! dizia-me elle, D. Izabel está exilada. Mas ou a revolução aniquila de vez a Hespanha, ou a Hespanha ainda chamará a rainha». Com effeito, em pouco se enganou D. Enrique: um filho de Isabel II occupou o throno de S. Fernando. Os Bourbons voltaram.

Quem se não importava grandemente com os acontecimentos politicos de Hespanha, era sua filha, Soledad, a mais _salerosa_ individualidade de mulher que é dado phantasiar na vaga idealisação de uma noite de serenata.

Bocage, quando do alto do seu monumento a viu, estremeceu.

Setubal ficou encantada, não obstante ter-se iberisado então pelas relações commerciaes que mantinha com a colonia dos emigrados. E digo commerciaes, porque os hespanhoes eram os primeiros a queixar-se que só tratassem com elles os setubalenses nas transacções ordinarias da vida: dá cá, toma lá. De resto os emigrados entretinham-se uns com os outros, com duas ou tres pessoas da terra, e com as que eram de fóra.

O ideal de Soledad era uma _tertulia_ ou, como hoje dizemos á franceza, uma _soirée_. Por muito tempo procurou desesperadamente uma _tertulia_, e se alguma vez ouvia tocar piano, parava de subito, attentava o ouvido e, com uma graça vivaz, picante, exclamava: _Qué! És una tertulia?_ Era apenas um piano que tertuliava uma

valsa... platonicamente.

Chegára o verão, começaram a apparecer os banhistas, muita gente do Alemtejo. Ao fim da tarde sentavam-se na praia, olhando para o mar, e ou fallavam dos seus montados e das suas courellas, ou descahiam em somnolencia mazomba. Alguns d'elles, de faces rosaceas, abdomen enxundioso, e instinctos retemperados pela bella fibra suina tinham exclamações carnaes quando a hespanhola passava, e digo a hespanhola, porque era assim que toda a gente fallava d'ella, sem embargo de que n'esse momento outras muitas estivessem em Setubal. Era, porém, como se se dissesse: a bella hespanhola, a formosa por excellencia.

Das pessoas da terra foram poucas as que romperam com a tradição local de retraimento bisonho, arrastadas pela fascinação. E essas poucas, eram homens. As senhoras visitavam-se então em Setubal difficilmente, e esta difficuldade augmentava para com os estrangeiros, cuja procedencia era quasi impossivel esquadrinhar, a não se fazer obra pelas informações dos seus patricios, suspeitas para o caso.

Um dia, porém, Soledad comprehendeu que os seus olhos podiam, elles mesmos, em toda a parte, improvisar uma _tertulia_; que no seu sorriso alegre e resplendente de andaluza havia encantos de sobra para fazer conhecidos e namorados, e desde esse momento ella zombou poderosamente da semsaboria setubalense, trazendo comsigo, a toda a hora, de manhã ou á noite, uma _tertulia_ completa, attrahida pelo iman da sua formosura, rebocada pela sua fascinação iberica. Era a sua côrte, a sua _coterie_, o seu séquito. Por accordo tacito, conferiu-se-lhe o sceptro das Hespanhas, que a princeza de la

Cisterna havia deposto. Vassalos enthusiastas rodeavam-n'a como nunca os tivera a rainha Maria Victoria. Cada dia que passava trazia um novo alliado. Alguem que vinha a Lisboa, dizia: «Que bella hespanhola que está em Setubal!»—«O que?!» perguntavam no Chiado.—«Unica! incomparavel! sublime!» era a replica. Os curiosos iam, e ficavam. Creio que os generos alimenticios chegaram a encarecer em Setubal. Mas o que embarateceu foi a poesia. N'aquelle tempo, ainda o verso era o vehiculo do amor, e com razão se julgava que para uma mulher de um paiz ardente não havia para inflammar-lhe a phantasia como uma metralha de alexandrinos.

Em redor da bella andaluza, fallava-se um hespanhol mascavado, que ás vezes parecia ser-lhe ainda de mais difficil comprehensão do que o vasconço o é para o commum dos hespanhoes. Mas que se importava Soledad com as palavras? Ella já sabia o que lhe diziam, o que por força se havia de dizer ao pé d'ella: que a amavam. Sorria, e respondia com os olhos, augmentando a fascinação, sem se compromettter: este segredo que só os olhos das hespanholas possuem. As portuguezas, com habitarem a mesma peninsula e serem da mesma raça, affirmam ou negam com os olhos, compromettem-se pelo olhar. Os olhos das hespanholas fallam sempre, mas raras vezes para affirmar ou negar. A duvida atiça o amor, e ella espalhava a duvida com o olhar. Não era bem prometter, não era bem recusar, seria tudo isso talvez, ou, ainda melhor, nada d'isso seria. Semeava esperanças, atirava flores e olhares ao acaso, emquanto o pae fallava dos assassinatos de Montilla, dos incendios de Alcoy e dos sacrilegios de Barcelona, e emquanto a mãe, que se morria por peixe, e era ainda arrebitada, ia por ali fóra, deixando vêr no sorriso uns dentes alvissimos, marchando com um desembaraço verdadeiramente

hespanhol, em direcção á Ribeira, para comprar um safio ou uma corvina. Assim mesmo é que era; sem _ficelles_ realistas, pela minha parte.—Ah! ditoso safio! ah! venturosa corvina! diziam muitos, que não podendo occupar o coração de Soledad, se contentariam com achar logar no seu estomago. Eu nunca fui d'esta opinião; não pelo acto em si mesmo, mas pelas consequencias. Todavia ha paladares para tudo...

Alguns entendiam que o melhor modo de conquistar a filha era captivar a mãe—pela bocca. Offereciam-lhe carregações de peixe-espada, cardumes de salmonetes, cabazes de laranjas—e então aquellas laranjas, as de Setubal! Um adorador setubalense mandou-lhe de uma vez um presente de sal, que chegava bem para salgar uma geração inteira. Outro _attaché_, lisboeta, riu do caso, fazendo notar que quem possuia uma filha assim tinha mais sal do que todas as marinhas do Sado.

Para brindar Soledad, os seus admiradores iam colhêr as melhores flores das quintas de Brancannes, que dispunham em graciosos _bouquets_ e lindas _corbeilles_, recorrendo ao velho estratagema amoroso de esconder entre as flores uns versos ou uma carta, se bem que ella parecesse ás vezes gostar muito mais de laranjas que de flores.

O proprio D. Enrique era obsequiado com garrafas de excellente moscatel, e seja dito em abono da verdade que o moscatel de Setubal parecia ter o condão de lhe aligeirar os desgostos causados pelas desgraças da patria.

De dia para dia se tornava cada vez mais numerosa e obsequiadora a côrte em que a bella andaluza era rainha absoluta, omnipotente.

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com